

## ***Pecuária de Corte*** ***Uma Atividade com Boas Margens de Segurança***

Na bovinocultura de corte, assim como em todas as atividades agropecuárias existem riscos de perdas e quebras na produtividade, entretanto ao contrário de outras cadeias produtivas, a pecuária de corte possivelmente seja a atividade, onde o produtor tenha mais condições e escapes para minimizar suas perdas. Em lavouras por exemplo, intempéries da natureza como: a estiagem, o excesso de chuvas, geadas, ou tempestades de granizo são fenômenos que quando acontecem, na maioria das vezes, dependendo de sua intensidade, tornam-se fatores decisivos para uma grande ou total quebra na produtividade com proporcional perda na lucratividade. Acontece o mesmo em atividades pecuárias como a avicultura de corte, a suinocultura e a atividade leiteira. O frango quando terminado seu período de engorda entre 45 a 50 dias aproximadamente precisa ser abatido, pois perde a capacidade de ganhar peso com a ração ingerida, apresenta problemas de pernas e torna-se antieconômico ao produtor, o mesmo acontece com o suíno e com o leite, que sendo um produto perecível, precisa ser comercializado assim que saia do resfriador, uma vez que o produtor não possui meios de armazená-lo na propriedade.

Dentro deste contexto, como foi citado, a pecuária de corte apresenta uma maior flexibilidade no que diz respeito à manutenção da produção, ou seja, em épocas de baixas cotações da arroba, o produtor de bovinos de corte, tem a escolha de vender ou não seus animais, uma vez que possui alternativas para manter estes animais na propriedades aguardando melhores preços. Quando existe a falta de pasto, em decorrência da estiagem, o produtor que pode dispor de alimentos estocados, ou adquire este de terceiros, tem condições de manter o ganho de peso dos animais o que não causa decréscimo em sua produtividade, desde que o custo com esta alimentação extra, não seja extremamente oneroso e venha a causar prejuízos futuros. Por outro lado, existe o pecuarista que não possui condições de arcar com estes gastos adicionais, seja por opção de manejo ou por retenção nos custos de produção. O rebanho deste produtor, certamente irá perder peso em épocas críticas, terá decréscimos em fertilidade e índices de produtividade, porém dificilmente este pecuarista irá perder quantidades significativas de animais, a não ser que o problema seja

extremo, como uma falta total de pastagem, falta de abastecimento de água, patologias secundárias à desnutrição ou falta de cuidados sanitários básicos (vacinações, vermifugações, etc...).

Porém estes casos extremos, raramente acontecem em nosso estado, pelas próprias condições de clima, relevo e disposição de água, ou acontecem isoladamente, sendo que passam a ser problemas de má gestão da propriedade, estando estes pecuaristas fadados ao insucesso e abandono da atividade. Portanto, os pecuaristas de corte também podem ter perdas na atividade, dimensionadas através de prejuízos com animais que perdem peso, decrescem em índices de produtividade, necessitando de tempo e investimentos para se recuperarem (gastos adicionais em alimentação que as vezes fazem com que os custos que produção sejam maiores que os lucros, fêmeas que deixam de parir por problemas nutricionais ou sanitários, entre outros entraves).

Sendo assim, os “prejuízos” em pecuária de corte certamente existem, mais podem ser mais facilmente atenuados, do que em outras atividades, como as citadas.

No Estado do Paraná, os pecuaristas de corte, nos últimos dois anos, enfrentaram muitas dificuldades, ocasionadas por fatores de ordem sanitárias, climáticas e econômicas, as quais juntamente a outros acontecimentos, derrubaram os preços da arroba bovina.

O alto índice de abate de matrizes, na intenção de se liberar áreas para o plantio de cereais, a necessidade dos produtores em vender mais animais na intenção de se capitalizarem e também, para diminuir a pressão sobre suas pastagens em épocas de estiagem, aliado a baixa nas exportações, gerada pelos embargos, contribuíram para o excesso na oferta de carnes no mercado interno, ocasionando a queda nas cotações. Porém, em relação ao caso aftosa, a perda de lucratividade dos criadores de bovinos de corte no Estado do Paraná, apesar de existirem, foram abrandadas pela própria natureza da cultura como já foi explicado e por ações de comercialização, que direcionaram a produção para outros mercados internacionais e buscaram alternativas dentro do próprio comércio interno, diminuindo a dificuldade dos produtores em comercializarem seus animais, mesmo que a preços mais baixos que o esperado em situação normal.

Alguns economistas coerentemente, não apontam como prejuízos efetivos a perda de rentabilidade que muitos pecuaristas tiveram com o crise que ocorreu ao final do ano passado, o que não quer dizer que não ocorreu baixa na geração de lucros aos mesmos.

Neste caso, a questão é de definição da palavra prejuízo, uma vez que muitos economistas tratam como prejuízo um bem que a pessoa possui e vê futuramente a perder por algum motivo. Ou seja, não se pode perder o que não possui. Empresas frigoríficas exportadoras enviaram sua carne a novos mercados não embargantes, deixaram de angariar uma receita que obteriam em situação normal, mais não perderam grandes somas, uma vez que não compraram os animais que deixaram de abater e exportar, além de que as empresas que possuem plantas em outros estados, onde não ocorreu impedimento comercial, aumentaram as exportações através destas e ainda ocorreu o aumento da produção de carne industrializada e com valor agregado, o dano aos funcionários que foram demitidos, foi acertado em parte pela recontração destes por novas empresas frigoríficas, embora o problema do desemprego obviamente exista.

A palavra prejuízo no dicionário da língua portuguesa define-se como: ato ou efeito que prejudica ou dano, sendo que neste conceito o dano à cadeia produtiva da pecuária de corte realmente ocorreu e não se pode negar, mais não somente a crise da aftosa causou este dano, mais também outros efeitos já comentados.

Sobre esta óptica é que analisamos que a perda em pecuária de corte foi minimizada e perdas monetárias existiram sim, mais em caráter isolado, sendo que realmente perderam os pecuaristas que tiveram altos custos de produção para manterem seus animais a espera de colocação em escalas de abate, ou da elevação das cotações e estes custos ultrapassaram os baixos preços da arroba observados na época.

Portanto, sabe-se que a situação ocorrida, causou danos e sacrifícios a todos os elos que compõe o setor pecuário, suíno, leiteiro ou avícola, portanto fatores como: grande consumo mundial do produto carne, facilidade de comercialização, a própria constituição física do animal bovino que sobrevive a campo, resistindo a alimentação escassa e ao clima adverso, fazem da pecuária de corte uma das atividades de menor risco diante as demais.

O ano de 2006, está praticamente encerrado as exportações brasileiras, lideram o mercado mundial não só em volume, mais agora também em receita. O Estado do Paraná, continua realizando um intenso trabalho em todos os sentidos para superar a crise e ao que tudo indica brevemente nossa pecuária voltará a atingir os níveis de exportações e gerar as receitas de outrora, uma vez que apesar dos gargalos enfrentados temos uma pecuária tecnificada, com excelentes

níveis de produtividade e rebanhos de ponta em genética bovina. A crise felizmente está se encerrando, os problemas estão sendo contornados e brevemente retornará a normalidade das relações comerciais.

**Méd. Veterinário Fábio P. Mezzadri**  
SEAB/DERAL/DCA  
☎ (41) 3313-4102 📠 (41) 3313-4031  
✉ [fmezzadri@seab.pr.gov.br](mailto:fmezzadri@seab.pr.gov.br) [www.pr.gov.br/seab](http://www.pr.gov.br/seab)